

82.091
A4472
95-3
C:9256 9008

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N.º	0050
Data	25 / 05 / 05
☐ Compra ☒ Doação ☐ Permuta	

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ENQUANTO AGONIZO: ALQUIMIA DA ALMA

Maria Joana D'arc Galdino de Almeida

Pontes e Lacerda – MT

2004.

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ENQUANTO AGONIZO: ALQUIMIA DA ALMA

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Vanderluce Moreira Machado Oliveira.

Pontes e Lacerda – MT

2004.

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora.

Local e data da aprovação

À Vande

Agradeço a Deus, ao meus pais, Orlando e Maria Nazaré, a minha avó Luíza, ao meu irmão Jabson Carlos, a minha amiga Maria Aparecida de Assis, a minha professora e orientadora Vanderluce Moreira Machado Oliveira. Aos professores que no decorrer do curso contribuíram para a conclusão de meu curso universitário. E a UNEMAT que me deu a chance de alcançar meu objetivo profissional e acadêmico.

*A vontade é livre,mas aprisionada num corpo
pacional e fraco pode mergulhar nossa alma
na ilusão e no erro.*

(Santo Agostinho)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
ENQUANTO AGONIZO: ALQUIMIA DA ALMA	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
BIBLIOGRAFIA.....	22

RESUMO

O trabalho em questão, pondera considerações sobre o romance “Enquanto Agonizo” (19930), de Willina Faulkner, evidenciando a fragilidade do homem pós-moderno, que se envereda em seu próprio ser por meio de questionamentos e reflexões.

Nesse romance, o autor nos leva a uma reflexão sobre nosso íntimo, em que levanta questionamentos sobre o que somos e o que fomos, a exemplo a personagem Addie que viveu uma crise existencial forte.

PALAVRAS-CHAVE: fragilidade, crise, questionamento, pós-moderno, existência

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, abordamos o conflito da existência humana na obra "Enquanto Agonizo" (1930) de William Faulkner. Obra esta, que tem como tema a história da família Bundren pelo interior do Mississippi para enterrar sua matriarca, esta obra varia do humor negro ao cúmulo do patético, em que o real e o absurdo se misturam, apresenta várias situações cômicas que as vezes chegam ao sarcasmo. Toda obra é narrada pelos personagens ao longo de passagens patéticas, cada um com sua voz literária própria, pensando e falando à sua maneira, articulados, fantasiosos, eloquentes, lacônicos e místicos.

Sobre o conflito da existência humana estaremos analisando a personagem Addie Bundren, personagem essa que está a todo momento em conflito com todos principalmente consigo mesma. William Faulkner através desta personagem altamente reflexiva proporciona o ser humano empreender uma viagem introspectiva, na qual encontrará seu verdadeiro eu, contribuindo para que o ser humano tenha consciência do seu sentido de estar no mundo. A Addie Bundren manifesta seus conflitos, dúvidas, através da sua omissão diante dos fatos, ela fala consigo mesma, interioriza sentimentos, ou seja, nos leva a questionar sobre o que realmente constitui um ser humano e quanto sofrimento ele pode suportar.

ENQUANTO AGONIZO: A ALQUIMIA DA ALMA

A obra “Enquanto Agonizo” (1930) do escritor norte americano Willin Faulkner retrata a história da família Bundren no interior do Mississipe no sul dos Estados Unidos. Na obra a uma mistura ousada e complexa horror e comicidade, de atos de heroísmo e loucura, de cenas de poixão e morte e horror. O tema explorado na obra é sofrimento pode suportar o ser humano, quando almeja a um objetivo, vistos as vezes os olhos alheios como um ato de estupidez e completa insensadez. Esse ato é o caso da família Bundren, eles se submetem em uma missão heróica repleta de um profundo e estranho sentimento de horror e dever cumprido, cada um com seus motivos e justificativas, nenhum se comunica claramente com os outros, mas todos tem o mesmo objetivo, enterrar a sua matriarca.

Seus diálogos são meramente funcionais e cotidianos. A história é construída a partir de cada um dos personagens. Criando um encerramento de passado, presente e esperanças futuras que vão acompanhando o cadáver da velha senhora sob as intempéries. Há situações que poderiam ser críticas como hilariantes, se a gargalhada não soasse francamente obscena naquelas circunstâncias. E é ao deixar o leitor constrangido, sorrindo em meio ao drama familiar, que Willian Faulkner revela todo o seu poder literário.

Percebemos que o autor escreveu este romance “Enquanto Agonizo” (1930) no período pós- guerra mundial. Pois, a obra fala de: morte, loucura e fugas existenciais.

Averiguaremos os conflitos existenciais, a fragmentação do ser patindo da personagem Addie Bundren. “E então aceitei Anse. E quando soube que ia ter Cash, soube que viver era terrível e que essa era a resposta para isso... Soube que sempre fora, não que minha solidão tivesse que ser violada uma e outra vez a cada dia, mas que nunca tinha sido violada até que veio Cash. Nem mesmo por Anse durante as noites.” (FAULKNER, 2001 p. 149). Ou seja, é como se a angustia, as dores fossem surdas e roedoras. É uma sensação indefinível de mal-

estar, da presença que invade o interior da alma, descreve uma situação de amargura e revolta.

Partindo do pressuposto que o pós-modernismo parece depender, para ter validade de um mundo particular de experimentar, interpretar e ser no mundo, que nos leva ao que é, talvez, a mais problemática faceta desse período: Seus pressupostos psicológico quando à personalidade, à motivação e ao comportamento. A preocupação com a fragmentação e instabilidade da linguagem e dos discursos leva diretamente por exemplo a certa concepção da personalidade.

E sobre a fragmentação David Havey fala: "Ficção, fragmentação, colagem e ecletismo, infundidos de um sentido de efemeridade e de caos, são, talvez, os temas que dominou as atuais práticas da arquitetura e do projeto urbano. E: asidentemente, há aqui muitos outros campos, como a arte, a literatura, a teoria social, a psicologia e a filosofia." (2002 p.95). Através da citação de David Hawey, pode se perceber que Faulkner revela toda a hipocrisia que permeia os relacionamentos humanos, desnudando todos os preconceitos velados ou não presente na sociedade, (...) "Depois ele me disse, não tenho ninguém. Então você não vai ter preocupação. Eu não acho que você possa dizer a mesma coisa." "Não. Eu tenho família. Em Jetfrson". (p. 148-149).

Seu rosto se abateu um pouco. Bem, eu tenho uma pequena propriedade. Tenho minhas economias, tenho um bom e honesto nome.. Sei como é a gente da cidade, mas talvez quando eles falarem comigo..." "Tavez eles escutam," eu disse. "Mas vai ser difícil falar com eles." Ele olhava para meu rosto. "Eles então no cemitério." "Mas os seus parente vivos, ele disse. "Com eles será diferente." "Será!" eu disse. "Não sei. Nunca tive outros parentes." E então aceitei Anse. (Faulkner, 2001, p. 148-149).

Percebemos que Faulkner omite muita informações na obra, mas deixa que o leitor perceba que há inumeros dados escondidos, e desse modo com a leitura das diferentes perspectivas, o leitor vai montando o passado das personagens e se outo propondo soluções

para as omissões do autor. Vê-se ainda sobre fragmentação, em conformidade com Hall. “O sujeito previamente vivido como tenho uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de varias identidades, algumas vezes contraditorias ou não resouvidas (HALL, 2002, p. 12).

Percebemos que os personagem manifestam seus conflitos existenciais, dúvidas, através dos monólogo, do se entre ouvir, os personagens falam com sigilo mesmo, interiorizam sentimentos, ou seja, dá nas idéias sobre o que realmente constitui um ser humano, Que: “Como observa o crítico cultural Kdsena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza.” (MERCER, 1990, p. 43).

A narrativa da obra é tão fragmentada que coloca em questão inclusive a própria idéia de narratividade, de modo que o autor da obra é o leitor. É ele quem monta a história com as informações que tem acesso a partir de cada um de seus monólogos. Dos cinco filhos de Addie o Darl é o que mais possui monólogos na obra e em seguida o Vardaman, cujos os seus relatos são claramente perturbadores e infantins. “Aí começo a correr. Corro até o fundo e venho para a porta da varanda e paro. Aí começo a chorar. Posso sentir onde o peixe estava na terra. Agora esta cortado em pedaço que não são peixe, sem sangue nas minhas mãos nem no macacão. Até aí não havia acontecido nada. Ainda não. E agora ela está longe que eu não consigo pegá-la.”

Sobre esta passagem perturbadora que é relatada na obra através do personagem Vardaman o crítico Martin Heidegger comenta:

“...Por isso mesmo, em todo pensamento se dá algo que não somente não pode ser pensado como, sobretudo e em tudo que se pensa, significa pensar, isto é, faz e torna possível o pensamento... No pensamento, portanto nem tudo é representação. Ao contrario, toda representação nos remete a pensar as raízes e origens de sua vigência e constituição, toda representação inclui sempre um nível de pensamento que não representa nada, toda representação vive de acolher e aceitar, em seus limites, o mistério da realidade, subtraindo-se em todas as realizações.” (HEIDEGGER, 1999, p. 12).

Ora Faulkner é poético, ora ele nos coloca em frente um realismo atroz e amargo, nos leva ao extremo do brutal, e em outro momento nos leva à compaixão. “Ela tivera uma vida dura, mas toda mulher tem”... Ajoelhada ali eu rezei por ela. Rezei por aquela pobre cega mulher como nunca rezei por mim e pelos meus”. (FAULKNER, 2001 p. 145-146).

A narração da obra transcorre sobre os varios dias de uma viagem difícil, no cadáver de Addie cheira cada vez pior, os urubus vão cevando o cortejo funebre até a cidade de Jefferson onde a falecida desejava descansar pela eternidade longe do ambiente rural que ela odiava. “Agora eles são sete, em pequenos e altos círculos negros. “Olha; Darl,” digo; “vê!” Ele olha para cima. Nós os observamos em pequenos e altos círculos negros imóveis. “Havia mais de quatro no celeiro.” (FAULKNER, 2001 p. 169).

O cortejo é acompanhado pelo marido Anse, e os cinco filhos: Cash, Darl, Jewel, Dewey Dell e Vardaman. Eles dispõem apenas de uma carroça precária e uma parilha de mulas para transportar o caixão. A matriarca ainda agoniza enquanto o carpinteiro Cash, o filho mais velho já está finalizando o caixão. As relações de Jewel são marcadas por ódios intensos. Darl é o esquisito, dono de uma imaginação fora do comum provoca os outros com suas atitudes e palavras incômodas, investigando o fundo da alma de seus interlocutores. Já a Dewey Dell participa da ação com seus dramas paralelos:

“Mas eu sei que existe porque Deus deu às mulheres um sinal de quando acontece alguma coisa ruim. É porque estou sozinha. Se eu pudesse apenas sentir, seria diferente, porque eu não estaria sozinha. Mas se eu não estivesse sozinha todo mundo saberia disso. E ele podia fazer tanta coisa por mim, e aí eu não estaria sozinha. Então eu poderia ficar bem sozinha.” (FAULKNER, 2001, p. 55).

Podemos averiguar na citação acima a personagem em forte crise existencial, de “estar ou não tão sozinha”, ou seja, até que ponto a nossa existência e presença invadem o nosso ser? Sobre isso podemos refletir sobre o que diz Martin Heidegger:

... “O homem é o ser que fala mesmo quando não fala e cala, recolhendo-se no silêncio do sentido, assim como é o ser que morre, mesmo quando não morre e vive, recolhendo-se à nada que deixa tudo

originar-se: a terra, o mundo, a história, os homens, com todas as negações e afirmações. É um nada que constitui a estrutura ser-no-mundo... Tematizar e questionar são tentativas de se falar e dizer, no nível e por meio de discursos de uma língua.” (HEIDGGER, 1999, p. 16).

Ou seja em toda a obra nós podemos perceber um forte choque psicológico e existencial em todos os personagens. Faulkner nos leva a refletir em até que ponto nós somos e apresentamos nós mesmo. Ele proporciona ao ser humano emprender uma busca introspectiva, em que encontrará seu verdadeiro eu, contribuindo para que o homem tenha uma conscientização do fundamento do seu próprio ser no mundo e na sociedade, como observamos em: “Somente em termos de um tal sentido centrado de identidade pessoal podem os indivíduos se dedicar a projeto que se estendem no tempo ou pensar de modo coeso sobre a produção de um fruto significativamente melhor do que o tempo presente e passado.” (HARVEY, 2002, p. 57)

Faulkner possui um estilo despojado, direto, extremamente condensado, como se carregasse uma frase ou uma palavra de maior quantidade de significações, mas que não o impedia de penetrar e dissecar como poucos os reconditos da espécie humana, as profundezas da alma do homem do século XX. Fazia predominar um fluxo de consciência em seus personagens arquétipos rudes, toscos, angustiados, alienados por mesquinhez e pequenos interesses, viventes no grotesco de situações exdrúxulas abrigados na força original da narrativa e na imagística poderosa, como só ele sabia fazer. E isso pode ser percebido na fala da personagem Addie:

“Eu não via a hora de eles cometerem alguma falta, que eu pudesse chicoteá-los. Quando a chibata caía, eu eu podia sent-la na minha própria carne; quando provocava vergões e inchava, era no meu sangue que corria, e eu pensava a cada golpe da chibata: agora você sabe quem sou! Agora sou alguém em sua vida secreta e egoísta, alguém que marcou seu sangue com meu sangue para sempre e sempre.” (FAULKNER, 2001, p. 147)

Percebemos na citação acima que Faulkner soube trabalhar a questão da intimidade do ser, da alma, dos desejos escondidos dentro de cada ser humano. E a personagem citada

tinha essa necessidade de se auto punir, em seu pensamento ela precisava das chibatadas que lhe serviam de balsamo para aliviar a sua indesejável, mas real existência. Para Antonio Candido (2002) A nossa visão da realidade em geral, e em particular dos seres humanos individuais, é extremamente fragmentária e limitada.

São essas fragmentações do ser humano que o autor soube através da obra “Enquanto Agonizo”(1930), por meio da personagem Addie que ele nos mostra estranhas indagações, porém reais que o ser humano internaliza dentro de si e que por diversas razões não podem ou não conseguem socializá-las, pois, discriminadas e taxadas de loucas e esquisofênicas. Faulkner mostra uma sociedade que cobra comportamento e pensamentos que não condizem com a realidade de cada ser humano. Para esclarecimento colaremos a opinião de Linda Hutcheon sobre o pós-modernismo; “gostaria de iniciar afirmando que, em minha opinião, o pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia – seja na arquitetura, na literatura (...)”

Faulkner, nos mostra em grande estilo, uma sociedade patológica, e faz isto com um misto de simpatia e de tristeza. Ele leva para os personagens toda essa perturbação que talvez tenha como intuito salvar o ser humano do abismo do vazio do seu ser. Isso é possível averiguarmos através da personagem Addie, a exemplo:

“ Eu só lembrava como meu pai costumava dizer que a razão para viver era se preparar para estar morto durante muito tempo. E quando eu tinha que olhar para eles dia após dia, cada um deles e cada uma delas com seus pensamentos secretos e egoístas, e sangue estranho ao sangue um ao outro e estranho ao meu, e pensar que essa parecia ser a única forma de eu me preparar para estar morta, odiava meu pai por Ter me concebido.”
(FAULKNER, 2001, p. 147)

Para Hall (2000) Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Vemos aqui uma citação de Addie, uma mulher cheia de dúvidas e conflitos existências e que o crítico Stuart Hall nos fala que é um processo do indivíduo da pós-modernidade, quando afirma que esse sujeito não tem uma identidade única, fixa. E Faulkner invade essa intimidade do ser humano, ele desnuda o homem através de sus personagens altamente reflexivo com Addie ele desmascara e quebra todo tédio da hipocrisia que existe nos relacionamentos e dentro de cada ser e sua existência, a saber; “Existência significa poder-ser mas também um poder-ser-próprio a idéia de existência, a visão prévia, orientada orientada de uma interpretação existencial, ressentir-se-á de originalidade.” (HEIDEGGER, 2000, p. 10).

Sobre o ser humano Faulkner nos mostra a real situação do ser, o alto grau de complexidade e contraditoriedade que: As vezes estão tristes, as vezes estão felizes, em determinados momentos apresetavam suas forças, em outros as suas dúvidas e fraquezas, e isso vemos na obra “Enquanto Agonizo” (1930). Em que os personagens são capazes de fazer qualquer coisa para alvaçarem seus objetivos. Como vemos no monólogo de Tull, em que ele narra a ida da fam’lia bundren a Jefferson para sepultar sua matiarca, como vemos em:

“Ele estava ali parado, encurvado, pesaroso, olhando a estrada vazia depois da ponte balançando. E aquela menina também, com a cesta do almoço e aquele pacote debaixo do outro braço. A caminho da cidade. Empenhados nisso. Eles enfretariam o fogo e a terra e a água e tudo para comer uma penca de bananas. “Você precisa descansar mais um dia”, eu disse. “As águas devem baixar de manhã. Não deve chover esta noite. Elas não podem subir mais.” “Eu prometi para ela”, ele disse. “ Ela está contando com isso”. (FAULKNER, 2001, p. 121-122)

Willian Faulkner, na obra “Enquanto Agonizo” (1930), detalha com extrema exatidão o ser humano, seu comportamento e sua relação com seus semelhantes e o mundo em que vive, através de vários monólogos no decorrer da narrativa da obra, ou seja, de representações. Falou do caráter humano levando em consideração respectivamente seus medos, suas frustrações e fraquezas. Como observamos a personagem Addie:

“Depois soube que ia Ter Darl. A princípio eu não queria acreditar nisso. Depois acreditei que mataria Anse. Era como se ele tivesse me enganado, escondido numa palavra como em um biombo de papel e me golpeado pelas costas através dele. Mas depois percebi que eu fora enganada por palavras mais velhas que Anse ou amor, e que a mesma palavra enganara Anse também, e que minha vingança seria que ele nunca saberia que eu estava me vingando.” (FAULKNER, 2001, p. 150)

Na citação acima percebemos uma conflituosa e confusa crise de dúvidas da personagem Addie em relação a princípio de que realidade, verdade ela poderia questionar ou buscar para auto justificar aquele momento de frustração em que ela se encontrava. Sobre essa problemática podemos considerar a que fala Stuart Hall. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (HALL, 2002, p. 13)

Melhor, isso não nos ajuda somente a compreender o outro, mas nós mesmos. Algumas vezes podemos ser incapazes de determinadas coisas, assim como Addie, que não conseguiu amar seu marido Anse nem perdoá-lo por Ter invadido sua existência e o ser, como vemos na citação a seguir:

“Ele não sabia que estava morto, então. Às vezes eu deitava ao lado dele no escuro, ouvindo a terra que agora era do meu sangue e carne, e pensava: Anse. Por que Anse. Por que você é Anse. Eu pensava seu nome até que depois de um tempo pudesse ver a palavra como forma, um vaso, e eu via virar líquido e fluir como melaço frio fluindo da escuridão para o vaso, até que o vaso ficasse cheio e sem movimento: uma forma e com significado e profundamente sem vida como o batente vazio de uma porta; e então eu percebia que tinha esquecido o nome do vaso. Eu pensava: a forma do meu corpo onde eu era virgem era a forma de um e eu não conseguia pensar Anse, não conseguia lembrar Anse. Não é que eu não conseguisse pensar em mim como sendo mais uma não virgem, porque eu era três agora.” (FAULKNER, 2001, p. 150-151)

Percebemos que o ser humano torna-se uma incógnita, a seu próprio ser, que somos às vezes unidades complexas de frustrações, contradições e indagações que nos leva a uma

reflexão sobre nós mesmos. Vejamos o que diz a respeito do assunto o filósofo Martin Heidegger:

“(…) a falta de esperança, por exemplo, não retira a presença de suas possibilidades, sendo apenas um modo próprio de ser para essas possibilidades. Do mesmo modo, ser está voltado para tudo. “sem qualquer ilusão”, também conserva em si o “preceder-a-se-mesmo.” Contudo, esse momento estrutural da cura diz, sem ambigüidades, que na presença, que na presença há sempre algo pendente (N2), que ainda não se tornou “real” como poder-ser de si mesma. Na essência da constituição fundamental da presença reside, portanto, uma constante inclusão. A não totalidade significa o pendente do poder-ser.” (HEIDEGGER, 2000, p. 15-16).

William Faulkner, através de seus personagens nos faz refletir sobre nosso próprio ser. Para que nos olhemos para dentro de nós mesmos e conheçamos o ser que por vários motivos preferimos sufocar do que enfrentá-lo. E esse questionamento podemos averiguar na citação acima, na análise que Heidegger faz nos estudos que fez em seu texto sobre o pensamento humano, a saber, *Ser e tempo* volume II, no qual retrata a problemática do ser humano em si.

Segundo Antonio Candido (2002) “(...) na verdade, enquanto na existência cotidiana nós quase nunca sabemos as causas, os motivos profundos da ação dos seres, no romance estes nos são desvendados pelo romancista, cuja função básica é, justamente, estabelecer e ilustrar o jogo das causas, descendo a profundidade reveladoras do espírito.”

É o que faz William Faulkner, através de seus personagens de forma brilhante, ele mergulha no fundo da alma humana, descrevendo situações de uma forma a se situar entre o ceticismo e a amargura; “se tivesse dependido de mim quando o pai se acidentou com aquela carga de madeira que caiu em cima dele, não estaria acontecendo de todos os filhos da mãe das redondezas vivem vê-la porque se existe um Deus para que diabos ele vive? Só estaríamos eu e ela no alto de uma colina e eu jogando pedras para baixo na cara daquela gente(...)” (FAULKNER, 2001, p. 18-19).

Por meio da personagem Addie, Faulkner trabalhou na obra a questão da morte de uma maneira a questionar o findar do ser humano, como vemos no fragmento: “Meu pai disse que a razão de viver é se preparar para estar morto ... Então eu podia me preparar para morrer.” (FAULKNER, 2001, p. 153) vemos que Faulkner através da citação acima nos coloca dentro da miséria do Sul dos Estados Unidos, demonstrado por meio da família bundren, uma família pobre. Retrata a covardia que o ser humano possui de não querer admitir encarar a sua realidade e ao mesmo tempo, ele tem a vontade, porém se conforta com a realidade de si mesmo, muitas vezes é mais fácil fugir dela, ignorá-la e viver em um mundo menos lógico. Porque se confortar com minha decadência se eu tenho a opção de ignorá-la? Alienar-se dela é mais cômodo, seria menos traumático.

“(...) tentação, tranquilização e alienação caracterizam, porém o modo de ser da de-cadência. De-cadente, o ser-para-a-morte cotidiano é uma permanente fuga dele mesmo... A exposição do ser-para-a-morte cotidiana também fornece uma indicação para se tentar assegurar o pleno conceito existencial do ser-para-o-fim, mediante uma interpretação mais aprofundada do ser-para-a-morte na de-cadência, que aparece como escape de si e da morte.” (HEIDEGGER, 2000, p. 37)

É como que o ser humano já fosse algo decadente, por isso condenado a um mau irremediável, ou seja, a morte. A morte para o homem significa sua própria decadência, é olhar no espelho e não enxergar a si mesmo e sim algo passageiro, transitório, com isso o ser se dispõe a uma alienação e tenta fugir da realidade irremediável, o findar da vida.

Outro tema abordado na obra “Enquanto Agonizo” (1930), é a religiosidade, em determinados momentos ele é opressora em outros apenas uma sombra, ela determina muitas ações dos personagens e condicionam outras. É como se os personagens buscassem nela uma força maior, um subterfúgio para seus problemas, como observamos no fragmento; “É só um empréstimo. Deus sabe, odeio ser repreendido pelos meus próprios filhos. Mas eu dou a eles tudo que era meu sem restrições. Com alegria eu dou, sem reclamar. E agora eles me negam. Addie for sorte você Ter morrido.” “Pai, Pai.” “Deus sabe que é assim.” Ele pegou o dinheiro e saiu.” (FAULKNER, 2001, p. 220)

Faulkner através desta citação nos mostra como realmente somos: muitas vezes queremos justificar para os outros e nós mesmos a nossa covardia diante da vida e dos fatos, o nosso compromisso em relação a assumirmos nossos próprios limites e nossos problemas existências. Então apelamos para tudo, inclusive para os sentimentos mais íntimos, ou seja, as dores, as fraquezas e remorsos. Sentimentos esses invioláveis e se violados causam transformações e reações profundas. E anse usa a morte de Addie para sensibilizar a filha a lhe dar o dinheiro para que ele pudesse realizar seu sonho, os planos que ela tinha para realizar com esse dinheiro poderia esperar o dele não. Ele nos mostra que é típico do ser humano achar que é mais fácil para o outro resolver os nossos problemas, é melhor que o outro se conforte com a realidade da vida que nós.

Para David Harvey (2002) Entretanto, como Simmel (1978) sugeri a muito tempo, é também nesses períodos de fragmentação e de insegurança econômica que o desejo de valores estáveis faz surgir uma ênfase intensificada na autoridade das instituições básicas – a família, a religião, o estado.

Faulkner nos mostra através de sua obra que o ser humano nos momentos difíceis tendem sempre a se apgar em alguém ou numa crença, ou seja, a qualquer coisa que o faça sair deste estado de fragilidade perante o mundo. Na obra analisada isso ficou muito claro, os personagens entre si precisam um do outro, principalmente para justificar seus conflitos existenciais, ao ponto de blasfemar, de usar Deus através da religião porque isso lhes dava a certeza de se sensibilizar ao outro ser a ajudá-lo. A família é uma instituição que tem o dever de proteger os seus e o estado de fazer valer os direitos do cidadão por meio da justiça. E é nos momentos difíceis, nos momentos de fraqueza que o ser humano busca resposta ou a saída em alguém ou em alguma coisa.

Vemos na citação da personagem Dewey Dell e durante toda a obra que os personagens vivem em um verdadeiro caos econômico e essa crise financeira é o reflexo dos Estados Unidos pós-guerra mundial, ou seja, mostra um país arrasado economicamente pela guerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O escritor norte-americano Willian faulkner na obra, "Enquanto Agonizo" (1930) desvendou a problemática da crise existencial do ser humano. Sua contribuição para a análise dessa crise existencial foi bastante positiva, produziu através de seus personagens um questionamento a respeito desse existencialismo , que poucos escritores conseguiram, para perceber isso basta ler seus romances.

Para definir essa crise existencial, tomemos como base o íntimo do ser humano. As pessoas se revelam quando são colocadas diante de situações que mexem com seus sentimentos, seus modos e dores, seus medos, suas fraquezas.

Willian Faulkner soube trabalhar de forma brilhante esses elementos em seus personagens, peincipalmente, em Addie Bundren, personagem analisada neste ensaio monográfico. A personagem vive um forte conflito existencial, a beira da morte faz uma alto reflexão sobre sua vida e dos seus familiares. Anse, o marido, realiza seus desejos íntimos, comprar uma dentadura e casar-se novamente. Através da análise dos personagens faulknerianos podemos ver que o ser humano ao ser submetido a refletir sobre o seu eu, ou seja, seu ser, ficam suscetíveis a dúvidas e conflitos existenciais, pois esta questão é muito complexa.

BIBLBIBLIOGRAFIA

- BRASIL, Assis. *O romance da vanguarda: Joyce e Faulkner*, . Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- FAULKNER, William. *Enquanto Agonizo*. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Mandarin, 2001.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 12 ed. São Paulo: Vozes, 2002.
- _____. *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 7 ed. São Paulo: Vozes, 2002.
- HARVY, David. *Condição pós-moderna*. Brasil Blackwell Ltda, 1992.
- HUYSEN, Andréas. Mapeando o pós-moderno in: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org). *Pós-modernismo e Política*. Rio de Janeiro, Rocco, 1991, p. 15-80.
- JAMEISON. Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2ª ed.: São Paulo, Ática, 2002.
- LYOTARD, Jean François. *O pós-moderno*. 3ª ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 1988.
- SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno in: *Nas malhas das letras: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco:2002.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 7ª ed.: Rio de Janeiro, D&A, 2002.

